



ZYGMUNT BAUMAN: DA JUVENTUDE SÓLIDA PARA A JUVENTUDE LÍQUIDA

Gabriel Carvalho Bungenstab¹

RESUMO: O texto a seguir analisa a obra e os pensamentos do sociólogo Zygmunt Bauman. O diálogo com esse pensador aponta novos caminhos a fim de refletir o que vem sendo a juventude contemporânea e a relação que ela assume com o corpo e com a escola. Bauman parece defender a ideia de que hoje a sociedade (e a juventude) só pode ser vista sob um viés consumista, na sociedade que ele denomina de modernidade líquida. Inserir esse sociólogo de grande importância no cenário mundial para pensarmos a juventude contemporânea é uma aposta nova e que pode gerar outras reflexões e críticas acerca da juventude hodierna.

Palavras-chave: Juventude. Zygmunt Bauman. Contemporâneo. Modernidade sólida. Modernidade líquida.

ABSTRACT: The following analyzes the work and thoughts of the sociologist Zygmunt Bauman. The dialogue with this thinker points out new ways to reflect what has been the contemporary youth and the relationship she has made to the body and the school. Bauman seems to support the idea that today's society (and youth) can only be seen under a bias consumerist society that he calls liquid modernity. Insert this sociologist great importance on the world stage to think contemporary youth is a new bet and we can generate other ideas and criticisms about today's youth.

Keywords: Youth. Zygmunt Bauman. Contemporary. Modernity solid. Liquid modernity.

INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre juventude na sociedade atual e se fala na importância de reconhecer o jovem como um indivíduo de direitos que sofreu, sofre e é influenciado pelas mudanças que ocorreram ao longo da história ocidental. É consenso hoje, entre os autores que versam sobre a temática, reconhecer a juventude menos como uma faixa etária, uma classificação e mais como um processo de construção sócio-histórica e cultural. Ao tratar dos jovens (e não só os jovens) de hoje, Velho (2006) nos mostra que a juventude contemporânea é marcada por manifestações diferentes. A música (por meio do funk, hip hop, samba, forró,

¹ Doutorando em Sociologia pela UFG. E-mail: gabrielcarv@msn.com



sertanejo, dentre outros), os esportes (capoeira, lutas, coletivos) e a tecnologia (informática) dão oportunidade para as mais diversificadas e flexíveis manifestações dos jovens. Com base nisso, o objetivo do presente estudo é pensar como se comporta e como vem sendo a juventude hoje, a partir da leitura que o sociólogo Zygmunt Bauman faz da sociedade contemporânea. Organizei o artigo em duas partes. Na primeira delas ofereço aos leitores uma análise sobre a sociedade moderna e pós-moderna a partir das contribuições do sociólogo polonês há muitos anos radicado na Inglaterra, Zygmunt Bauman. Esse pensador será utilizado na tentativa de entender e discutir a respeito da juventude na modernidade atual, caracterizada por Bauman como modernidade líquida. Bauman possui uma leitura crítica da modernidade e, em vários momentos, faz comentários ou análises em que o estilo de vida jovem está em pauta. Isso justifica a sua escolha, pois, se há, entre a categoria juventude e a modernidade, uma forte imbricação, a análise que ele faz sobre esse período pode nos oferecer importantes ideias para compreender o *status* da juventude na sociedade hodierna. Ofereço, ainda, um tratamento da juventude como categoria teórica que teve na modernidade sua gênese histórica (GROPPO, 2000, 2010; PAIS, 1993; FEIXA, 1998). Após apresentar uma revisão em que destaco a juventude como categoria “da modernidade”, proporciono aos leitores um análise desse binômio a partir das contribuições de Bauman.

O DIAGNÓSTICO DE ZYGMUNT BAUMAN

Zygmunt Bauman é sociólogo polonês, radicado na Inglaterra. Para entendê-lo, é necessário destacar suas principais ideias e conceitos, a fim de interpretar e pensar o tema aqui investigado. Para melhor compreensão da obra desse autor, apresento o que ele pensou acerca da sociedade moderna sólida e da sociedade moderna líquida, bem como as características desses dois períodos. Quando Bauman escreve sobre a sociedade moderna sólida, o conceito de ordem é de fundamental importância. Segundo Almeida, Gomes e Bracht (2009, p. 16), na esteira de Bauman, “[...] ordem é resultado da função nomeadora e classificadora desempenhada por



toda e qualquer linguagem”. A modernidade sólida, com sua proposta de durabilidade, pautou-se pela busca da ordem, eliminando e excluindo todo o tipo de imprevisto e desordem. A intenção era deixar o lugar limpo, sempre em busca de algo novo, melhor e mais sólido. No entanto, ao passo que o Estado moderno sólido se empenhava na tarefa de ordem, crescia um impulso contrário, que produzia mais caos e desordem. Essa relação ordem/caos foi denominada por Bauman de ambivalência. Quanto mais ordem se buscava, mais caos se tinha, gerando a ambivalência.

A modernidade sólida contou, também, com dois aliados no que se refere à manutenção na tarefa de ordem: o Estado jardineiro e os filósofos legisladores. Segundo Bauman (2010), o surgimento da modernidade foi um processo de transformação das culturas-selvagens em culturas-jardins, em que esta última, por meio do Estado jardineiro, buscou expulsar e destruir tudo que a primeira tinha produzido até então, com o intuito de “plantar” em seu lugar novos ideais de projetos e vigiar interminavelmente as ações dos indivíduos. Os filósofos legisladores, de acordo com Bauman, foram personagens importantes da maquinaria moderna sólida e tinham como função sustentar um discurso intelectual no qual apenas eles, dotados de razão, poderiam mostrar o caminho para que os indivíduos alcançassem a felicidade. A ciência biológica e médica são exemplos de conhecimentos que, no período moderno sólido, se portaram como verdadeiros oráculos a fim de apontar o conhecimento verdadeiro e inquestionável. Em contrapartida ao que Bauman chamou de modernidade sólida, o autor propõe o uso da metáfora da modernidade líquida para caracterizar a sociedade contemporânea. Esta, por sua vez, não mais pautada pela durabilidade, pela ordem e pela racionalidade, mas, sim, pela liquidez na qual nada consegue manter sua forma por muito tempo; uma época em que a rotina e a mesmice não são bem vistas e tudo que é sólido se desmancha no ar. A modernidade líquida, segundo Bauman, aponta e coloca em xeque características da modernidade sólida, sobretudo quando pensada nas funções que outrora exerciam o Estado jardineiro e os filósofos legisladores. Bauman (1993) escreve sobre a transição



de uma sociedade moderna para uma pós- moderna² e anuncia alguns aspectos fundamentais que transformaram a relação entre o Estado e a sociedade. Ele nos diz que durante o período da modernidade sólida, o Estado se via na função de salvaguardar alguns direitos econômicos, sociais e culturais para a sociedade, bem como dar importância à questão militarista, vendo-se obrigado a defender suas fronteiras contra os estrangeiros:

Empoleirada seguramente no tripé econômico-cultural-militar, cada nação-estado estava em posição melhor que qualquer outra unidade política anterior ou posterior para assumir, catalogar, supervisionar e administrar diretamente os recursos submetidos a seu poder, inclusive os recursos morais da população e o potencial contra-estrutural da socialidade (BAUMAN, 1993, p. 160).

O autor lança mão de três características que foram deixadas de lado pelo Estado durante o que ele chamou de transição da modernidade sólida para a modernidade líquida. A primeira característica é a “capacidade”: antes, o Estado fazia frente a suas obrigações econômicas, oferecia serviços culturais e protegia suas fronteiras militares. O tripé econômico-cultural-militar perdeu sua força com o nascimento da globalização cultural/econômica, junto à incapacidade defensiva de qualquer unidade política tomada sozinha. O Estado, sozinho, já não tem mais a capacidade de controlar, organizar e liderar todos os aspectos sob a sua tutela, sendo “invadido” pelas economias privadas e pela indústria da cultura. A segunda característica que o Estado “deixou correr” Bauman chamou de “necessidade”: as funções que outrora eram exercidas pelo Estado agora são assumidas por instituições privadas. A terceira característica é a “vontade”: nem os administradores do Estado e nem os seus administrados demonstram vontade de recuperar o gerenciamento antes desempenhado pelo Estado. Com sua retirada perante as funções que outrora exercia, abre-se espaço para os poderes da socialidade (aprofundarei essa questão mais à frente), inclusive também referentes à existência da moralidade dos cidadãos. Para o sociólogo polonês, o período moderno sólido trabalhou com conceitos morais característicos, tratando seus problemas morais de forma típica, por meio da

² Vale a pena destacar que Bauman deixa de trabalhar com a ideia de “pós-modernidade” e passa a trabalhar com “modernidade líquida”, por acreditar que não superamos a modernidade, apenas entramos em outra fase dela, qual seja, a fase líquida da modernidade.



regulamentação normativa coercitiva na prática política e na busca dos filósofos, fundamentada na teoria.

Nesse contexto, ser moral significava obedecer aos preceitos “estabelecidos” e considerados normais em uma sociedade “ordenada”. Os filósofos eram aqueles dotados com o acesso direto à razão. Seu papel era indicar o comportamento adequado para uma pessoa ter uma vida razoável. Nesse período, as instituições sociais (e os filósofos), por meio de sanções coercitivas, promulgavam a ideia de que o indivíduo (inclusive o jovem) não possuía capacidade de decidir sozinho sobre suas ações e escolhas. Delegar essa escolha não mais como responsabilidade individual mas, sim, como decisões (muitas vezes éticas) impostas socialmente permeava o campo da universalidade, onde todos os indivíduos, socialmente constituídos, saberiam quando suas ações fossem certas ou erradas. Bauman parece não enxergar essa perspectiva com bons olhos. Com a transição de uma modernidade sólida para uma modernidade líquida, a moralidade também começou a ser tratada de uma nova maneira. Bauman (1993) mostra que, no período líquido no qual vivemos, só podemos pensar a responsabilidade moral de forma individual e não mais como refém das instituições e/ou da constituição social (ou grupal). Para ele, é o indivíduo que possui responsabilidade perante o seu próximo e essa relação não pode ser pensada como forma de dependência. Para Bauman (1993), nos tempos atuais, carregados de possibilidades inúmeras de escolhas e da relativização em frente ao futuro, não há mais necessidade da ajuda dos legisladores e/ou dos filósofos modernos para retirar os indivíduos da ambivalência e da incerteza das decisões.

Não mais direcionar o indivíduo naquela tarefa que deve ou não ser realizada (naquilo que é certo ou errado), abriu espaço para que tanto o próprio indivíduo (de forma autônoma) pudesse decidir sobre si, como também para os que Bauman chamou de “líderes de comunidade” pudessem surgir no intuito de uma coletivização dos aspectos morais. O sociólogo mostra (1993, p. 98) que, “[...] a sociedade moderna especializou-se na renovação do espaço social: visava a criar um espaço público onde não devia haver nenhuma proximidade moral”. Essa proximidade moral parecia ser substituída pelo respeito exclusivamente individual às leis e às normas estabelecidas pelo Estado. A questão da moral está vinculada ao que Bauman chamou de



socialização e socialidade. Como o Estado agora não era mais onipresente na vida do indivíduo, sobretudo ao interesse por sua socialização, seus sentimentos e emoções, o Estado jardineiro deixa de desempenhar seu papel. O que ele (o Estado) prega é que se mantenha o mínimo de respeito perante as suas leis. Como consequência disso, houve a separação da “sociedade” e da “comunidade” que, outrora, o Estado se esforçou para manter juntas por meio da socialização. A socialização e socialidade são formas de “estar-junto” na sociedade, geram comunhão entre indivíduos e formação de grupos. A primeira é característica importante do período da modernidade sólida e é por meio dela que se construía e se determinava a ordem nesse período, visando sempre ao tempo futuro. A socialidade, por sua vez, é pautada pelo presente e se adapta melhor à modernidade líquida. Diferente da socialização, ela não possui um projeto específico como aquele de ordem promulgado pelo Estado jardineiro e pelos filósofos legisladores. A socialidade é um processo que acaba antes mesmo dos seus integrantes possuírem alguma relação fixa e duradoura.

A socialização é um processo controlável (na modernidade, o Estado-Nação e as instituições eram as controladoras), em prol da reprodução e buscando atribuir uma identidade aos sujeitos dentro de um grupo específico, ou seja, ela classificava e determinava o espaço e a função que cada sujeito desempenhava na sociedade. Isso garantiu a estrutura do Estado moderno sólido. Assim, os acontecimentos caminhavam junto com a probabilidade, sujeita a padrões, critérios e pautada no racionalismo. A socialização visa ao tempo futuro. Bauman (1993, p. 149) demonstra que “[...] a socialização pode ser analisada, desconjuntada em fases e atos constitutivos, em realizações parciais e funções complementares [...]”. A socialização constrói e determina certa ordem, comparando aquilo que se deve ou não fazer, aquilo que se ganha e perde, a fim de construir um futuro seguro e racional. Já a socialidade, segundo o sociólogo polonês, é um processo no qual se vive totalmente do presente; não tendo nenhuma biografia, ela acaba antes mesmo de construir algum tipo de história. É considerada como uma erupção, que surge repentinamente, alcança seu auge e se desfaz de forma rápida e brusca. A socialidade não possui uma finalidade em si, a não ser a de valorizar o “estar-junto” de forma desinteressada e partilhar o momento do “nós”. Bauman (1993) ressalta que a socialidade não tem



poder de expansão e, pautada pela efemeridade, ela dá todas as condições para que o sentimento de emoção transborde sem cessar até o seu rápido desaparecimento. Na modernidade sólida, prevaleceram as relações de socialização, com todas as características que foram supracitadas. A modernidade tentou, a todo custo, combater o presenteísmo coletivamente vivido das comunidades marginais. Por meio da razão, tentou-se eliminar a paixão e, por meio das normas, procurou-se acabar com a espontaneidade. Para Bauman (1993, p. 138):

A socialização (pelo menos na sociedade moderna) visa criar um ambiente de ação feito de escolhas passíveis de serem ‘desempenhadas discursivamente’, que se concentra no cálculo racional de ganhos e perdas. A socialidade coloca a unicidade acima da regularidade e o sublime acima do racional, sendo, portanto, em geral avessa às regras, tornando o desempenho das regras problemático e cancelando o sentido instrumental da ação.

O Estado moderno travou uma cruzada cultural contra o localismo e os(as) acontecimentos(erupções) espontâneos que ocorriam nos seios das comunidades. Mas, antes de pensar que a modernidade extinguiu a socialidade, é preciso entender que ela interferiu de modo estratégico ao padronizar todas as ações antes realizadas independentemente pelas comunidades de socialidade. Passou a existir um padrão para os períodos no qual aconteceriam essas erupções momentâneas do “estar-junto” (por exemplo, o calendário de datas festivas). Quando a transição do período sólido para o período líquido começa a ser anunciada, e o Estado vê seu trabalho de jardinagem enfraquecido, bem como a importância dos seus filósofos legisladores. Assim, socialidade passa a vislumbrar um caminho livre sem nenhum poder para controlar suas ações. A discussão trabalhada por Bauman (1993), sobre os conceitos de face e máscara, possui forte relação com a fragilidade característica da sociedade e da socialidade contemporânea. A face não é uma força e, sim, uma autoridade. Bauman (1993, p. 87) toma como base o pensamento do filósofo Emmanuel Lévinas para nos dizer o que ele entende por face:

A face é o que resiste a mim por sua oposição e não o que é oposto a mim por sua resistência... A absoluta nudez de uma face, a face absolutamente sem defesa, sem cobertura, veste ou máscara, é o que se opõe ao meu poder sobre ela, a minha violência, e opõe a eles de



uma maneira absoluta, com uma posição que é oposição em si mesma.

A face mostra o indivíduo como ele “realmente é”, revelando suas características, possibilitando o “impulso moral” e gerando uma relação de confiança com o “Outro”.³ Já a máscara, ao contrário da face, tem a capacidade de esconder (e revelar), e o indivíduo, quando imbuído dela, pode desempenhar diferentes papéis em diferentes grupos. Essa perspectiva, para Bauman, denota uma série de preocupações. Com suas diferentes máscaras, o indivíduo tem a oportunidade de se revelar de diferentes maneiras em determinados grupos específicos. Bauman (1993) ressalta que, quando o “Outro” se mistura na multidão, ele se despede da sua face, passa a usar máscaras e acaba representando determinados papéis:

São pessoas (persona significa a máscara que – como fazem as máscaras – esconde, não revela a face) [...]. Tenho que aprender o sentido de cada espécie de máscara e memorizar as respostas associadas. Mas mesmo então não posso ficar inteiramente seguro (BAUMAN, 1993, p. 133).

O perigo de se viver dessa maneira, para o autor, está relacionado com as implicações morais. Vestir diferentes máscaras e deixar que elas definam com quem está se tratando e quais devem ser as respostas parece impossibilitar a moral, já que, como diz Bauman (1993, p. 133): “Máscaras não são confiáveis como faces, podem ser postas e tiradas, escondem tanto quanto (se é que não mais que) revelam”. Assim, o sociólogo polonês ressalta que a confiança inocente e esperançosa do impulso moral foi trocada pela ansiedade, insegurança e desconfiança característica da socialidade e das máscaras. Bauman (1993, p. 26) fala que “[...] em cada ambiente aparecemos apenas em determinado ‘papel’ num dos muitos papéis que desempenhamos”. O autor, no entanto, mostra-se preocupado com esse trâmite em relação ao desempenho de diferentes papéis. Para o autor, as diferentes máscaras e papéis não podem ser facilmente retiradas, despidas e deixadas para trás. Às vezes ficam os

³ Conceito pelo qual Bauman foi fortemente influenciado pelo filósofo francês Emmanuel Levinas.



resquícios de alguns papéis ou máscaras utilizadas. Não há como se desvincular totalmente, pois,

Se conseguirmos manter as gavetas hermeticamente fechadas, de tal sorte que nossos ‘eu reais’ se mantenham a parte, como se nos diz que podem e devem se manter, o incomodo não vai embora: apenas é substituído por outro. O código de conduta e normas para escolhas que se ligam a realização de um papel não se alarga para pegar o ‘eu real’. O eu real é livre – razão para se alegrar, mas também para não pouca aflição. Aqui, longe do mero ‘desempenho de papel’, somos de fato, ‘nós mesmos’, e assim nós e somente nós somos responsáveis por nossas ações (BAUMAN, 1993, p. 27).

Além da responsabilidade sobre as ações, surge também a responsabilidade sobre as escolhas. Essas não mais amparadas pelos legisladores e filósofos modernos, mas lançadas ao indivíduo, que agora convive com a incerteza de qual a melhor (e mais correta) decisão tomar. Assim, a diminuta da face aumenta a insegurança perante as máscaras, pois elas não são tão confiáveis quanto à primeira (já que podem ser tiradas e colocadas a todo o momento, escondendo e revelando), que mostra verdadeiramente o que (e quem) é esse outro indivíduo. O autor demonstra preocupação com o sentimento de insegurança e ansiedade que é gerado nessa relação, e a principal diferença entre a máscara e a face parece estar ligada a impossibilidade de ser moral quando se está vestido de máscaras. O sociólogo também faz reflexões sobre a questão da identidade/identificação. Para ele, (2005, p. 83): “A identidade – sejamos claros sobre isso – é um ‘conceito altamente contestado’. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha”. Para ele, a identidade sofreu (e sofre) mudanças ao longo do que ele denominou de modernidade (sólida e líquida). Na fase sólida da era moderna, a identidade era parte do projeto do Estado e da Nação. Com o advento do que Bauman caracteriza como era líquida da modernidade, o modo de pensar e olhar a identidade, que até então vigorava, não possui valor no mundo contemporâneo. Bauman (2005) mostra que o problema da identidade no período moderno (sólido) era o de construção de uma identidade fixa e estável. Já o problema da identidade no contemporâneo diz respeito a se evitar o estático e manter-se sempre aberto a novas



opções. Para ele, a discussão sobre a identidade se tornou importante do ponto de vista social, pois a sua busca é equivalente à procura de segurança, que passou a ser de cunho individual após o divórcio do Estado-Nação.

No entanto, há um paradoxo quando pensamos na relação da identidade e a segurança. Bauman (2005, p. 19) mostra que: “As identidades flutuam no ar, algumas da nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. A possibilidade de usufruir diferentes identidades pode gerar um sentimento de instabilidade e insegurança. Em contrapartida, a escolha por uma identidade fixa e segura acaba podando as tantas outras possibilidades identitárias existentes na sociedade. Bauman diz (2005, p. 92): “Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação”. Assim, a identidade na sociedade atual parece ter se tornado fluida; o indivíduo agora possui identidades no plural e, no instante em que veste uma identidade em um determinado local, outras tantas identidades ainda não usufruídas e testadas estão à sua espera, prontas para serem degustadas. Para o sociólogo, identificar-se com alguém ou com alguma coisa na sociedade atual é entrar em um jogo no qual o indivíduo não pode ter o controle e nem exercer total influência. Daí surge o que o autor denomina “comunidades de guarda-roupa”. “As comunidades guarda-roupas são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos no cabide” (BAUMAN, 2005, p. 37). Ou seja, situações nas quais não há a necessidade de uma confiança mútua e uma ligação sólida, mas, sim, uma identificação grupal que pode existir a partir de um evento esportivo, um casamento ou uma festa e, ao término, as pessoas se retiram e voltam às suas vidas individualizadas. É interessante destacar que, para Bauman, as relações que se estabelecem e resultam em uma identidade/identificação coletiva não apresentam, na sua visão, nenhum tipo de elo ou de ligação fixa. A identidade, nesse meio, tem papel presenteísta, utilitário e descartável. Parece que a identidade, na era líquida, está na ordem do dia simplesmente para satisfazer os anseios momentâneos dos sujeitos.



ENTRE BAUMAN E A MODERNIDADE LÍQUIDA: ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA O CONCEITO DE JUVENTUDE

É com o intuito de pensar a juventude, surgida como categoria da modernidade, que lanço mão de Bauman a fim de discutir como a juventude pode ser pensada, hoje, a partir das reflexões que esse sociólogo também faz da sociedade pós-moderna (moderna líquida). Para tal, tomo como referência os conceitos tratados anteriormente. O exercício a se fazer, então, é discutir as consequências que do diagnóstico de Bauman, com o intuito mais de dialogar com as diferentes possibilidades e menos de realizar um juízo de valor. Porém, antes de iniciar a discussão a respeito da juventude no contemporâneo com o auxílio de Bauman, acho interessante mostrar como o cenário da juventude se configurou no período chamado moderno (sólido). Pode-se voltar o olhar para a juventude por meio de abordagens sociológicas, psicológicas, pedagógicas e antropológicas. É consenso hoje, entre os autores que versam sobre a temática, reconhecer a juventude para além de uma faixa etária e uma classificação, mas como um processo de construção sócio-histórica e cultural. Devemos pensar a juventude na sua normalidade e seu cotidiano, em uma tentativa de compreender a sociedade atual e refletir sobre ela. O tempo moderno (com suas características e instituições) promulgou e iniciou uma série de classificações e tentativas de conceituar a juventude (e o jovem). Entender esse processo é importante para realizar o exercício de refletir o que vem sendo o jovem (e a juventude) na sociedade contemporânea. Feixa (1998, p. 35), ao descrever o surgimento da juventude na sociedade ocidental, diz que esse fato ocorreu no século XVIII com a revolução industrial:

¿Cuándo surge, pues, esa realidad social que hemos venido en llamar «juventud», en la sociedad occidental? ¿Cuándo se generaliza un período de la vida comprendido entre la dependencia infantil y la autonomía adulta? Cuándo se difunden las condiciones sociales y las



imágenes culturales que hoy asociamos a la juventud? Sin duda, la Revolución Industrial tuvo mucho que ver con todo ello.

O autor ainda mostra que o surgimento e a mudança de instituições – escola, família, exército e trabalho – específicas foram fundamentais para o desenvolvimento da juventude como categoria. O autor ressalta, ainda, que essas instituições não abarcaram, inicialmente, todas as classes, limitando-se apenas aos burgueses. Como descreve o autor, foi na primeira metade do século XX que as demais camadas da população jovem tiveram acesso a essas instituições. Ora, se considerarmos que a modernidade se constitui como o tempo linear, seguro e de projeto, podemos pensar que os jovens também foram classificados sobre esse prisma. Groppo (2000, 2010) é outro autor que nos auxilia a entender o vínculo entre modernidade e juventude. Groppo (2000) mostra, na transição do século XIX para o século XX, que a concepção de juventude era fortemente marcada por aspectos institucionais, etários e pela ciência moderna. Ora as instituições obtinham sucesso na transição do jovem para a vida adulta, moldando um indivíduo perante as gerações anteriores, ora eram criadas resistências e grupos juvenis que não se adequavam aos moldes promulgados pela modernidade, tentando se tornar autônomos perante a regulação das instituições e do mundo adulto. A época moderna voltada para a ideia de projetos futuros, de classificações de pessoas, padrões e lugares, do dualismo entre o certo e o errado e, principalmente, das ciências modernas, acabou criando e transformando a juventude como um estágio de transição perigoso e frágil para a maturidade e a vida adulta. Assim, Groppo (2000), de certo modo, compartilha o diagnóstico de Feixa (1998), ao dizer que a família, a escola e outras instituições surgiram com o intuito de modelar e cuidar dos jovens:

Crianças e, por extensão, jovens foram vistos como propícios a contraírem toda espécie de males: doenças do corpo e da mente, perversão sexual, preguiça, uso de tóxicos e etc. Essa concepção só veio a colaborar no incremento do isolamento, vigilância e esquadrinhamento dos indivíduos durante sua infância e juventude (GROPPO, 2000, p. 58).



Sobre forte influência das ciências modernas, a juventude passou a ser classificada, então, como uma função social de maturação do indivíduo para o alcance da idade adulta. Era preciso intervir e agir sobre esse jovem para que ele pudesse se adequar aos moldes modernos de socialização. Groppo (2000), após análises de trabalhos da Psicologia dos séculos XIX e XX, percebeu que ela teve denso impacto no conceito de adolescência e juventude, caracterizadas como estágio da vida em que o indivíduo irá constituir sua identidade particular. Groppo (2000, p. 61) diz que: “No seu sentido mais estrito, mais fundamental, segundo a psicologia moderna, a idade juvenil ou ‘adolescência’ é uma fase de preparação psicossocial para a idade adulta e a sociedade, fase de definição de uma identidade e de uma individualidade”. Essa visão de juventude era considerada normal, sem dificuldades e transtornos para a passagem à idade adulta. Os conflitos existentes eram analisados como processo característico dessa etapa de vida confusa e transitória, que logo deveriam ser sanados pelas instituições que tinham o propósito de correção e adequação do jovem à sociedade. Abramo (1997) reafirma a ideia de que a juventude foi pensada (por meio da Sociologia funcionalista) como uma forma de transição (passagem) da infância para a vida adulta, dizendo que esse momento de passagem carregava contornos de amadurecimento e aquisições culturais que, para a autora, era um momento em que poderiam ocorrer desvios de postura e de condutas. Ressalta, ainda, que a juventude só era percebida quando se tornava uma ameaça à ordenação e sistematização do progresso contínuo da sociedade.

Contribuição importante, nessa discussão histórica, sociológica e cultural do jovem na modernidade e no contemporâneo, é dada pelas análises que Pais (1993) faz sobre as correntes sociológicas da juventude. Segundo sua interpretação, a juventude se divide entre duas correntes teóricas: a corrente geracional e a corrente classista. Para o autor, a corrente geracional entende a juventude como uma fase da vida. É discutida, nessa vertente, a questão das continuidades e descontinuidades intergeracionais. As continuidades seriam aquelas gerações de jovens que reproduziriam e dariam continuidade à cultura adulta e de gerações anteriores. Com referência às descontinuidades, Pais (1993) diz que existe uma cultura juvenil que, de certa forma, se colocaria contra as culturas produzidas por outras gerações (como a



de seus pais). Vale lembrar que, para a corrente geracional, os jovens (e sujeitos) vivenciam suas relações e experiências situados exclusivamente como membros pertencentes a uma geração. Segundo Pais (1993, p. 40), “[...] as experiências de determinados indivíduos são compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração, que vivem, por essa facto, circunstâncias semelhantes e que tem de enfrentar-se com problemas similares.” Assim, para essa corrente, existem dois tipos de relacionamentos referentes aos jovens. Por um lado, aqueles que não apresentam conflitos com o mundo adulto e primam as relações contínuas e, por outro, os relacionamentos problemáticos, nos quais os jovens veem diferenças culturais e buscam romper com os demais sujeitos (alguns autores chamam de contracultura). Várias críticas são feitas a essa corrente geracional. Pais (1993) alerta que uma delas é o fato de essa corrente caracterizar a juventude como uma entidade homogênea. Isso coloca a categoria etária como importante variável, tanto quanto os aspectos econômicos e sociais.

Para a corrente classista, as reproduções sociais são vistas exclusivamente em termos de relação das classes sociais. Pais (1993) nos diz que a transição da juventude para a fase adulta vai estar sempre relacionada com as desigualdades sociais, como: distinção de diferentes trabalhos para homens e mulheres e também nas condições sociais de cada jovem. Assim, essa corrente aceita que os jovens possuem diferentes culturas e os mais variados grupos sociais, de acordo, claro, com sua classe social. Essa vertente possui um apelo político, como no caso de jovens operários de classes baixas que acabam produzindo resistência contra situações de dominação e opressão, criando espaços sociais próprios. Como bem ressalta Pais (1993, p. 48):

Para a corrente classista, as culturas juvenis são sempre culturas de classe, isto é, são sempre entendidas como produtos de relações antagônicas de classe. Daí que as culturas juvenis sejam por esta corrente apresentadas como ‘culturas de resistência’, isto é, culturas negociadas no quadro de um contexto cultural determinado por relações de classe.



Algumas críticas são feitas à vertente classista. As culturas juvenis que não se manifestam como culturas de resistência acabam ficando às margens do interesse dessa corrente. Assim, os teóricos dessa área fazem esforços para delimitar e enquadrar todas as manifestações culturais juvenis como sendo de resistência e/ou tendo uma conotação política. É a partir da primeira metade do século XX que a classificação da juventude passa a ser mais bem definida, tendo o Estado criado leis e ofertado vários serviços especificamente para o cidadão jovem, como escolas, internatos e prisões. No entanto, na década de 50 do século passado, a juventude foi se caracterizando como um problema social. Foram taxados de “rebeldes sem causa”, reforçando, ainda mais, a imagem de que a juventude era um processo de difícil transição, requerendo cuidados e atenção (ABRAMO, 1997). Já nos anos 1960 e 1970, a juventude apareceu como uma categoria de transformação social, por meio de investidas políticas contra a ditadura brasileira, como os movimentos sociais e a contracultura. Os movimentos de contracultura, nos anos 1960 e 1970 do século passado, foram intensos, juntamente com o forte teor político que vestiam os jovens na época da ditadura militar. Eles expressavam suas inquietações por meio de músicas, cinemas, teatros e a imprensa, contrapondo-se ao regime militar.

Abramo (1997) nos mostra que, na década de 1980, a juventude se apresenta com uma conotação diferente da concebida nos anos 70. Nesse contexto, o jovem abandona os assuntos políticos e se torna mais individualista, consumista e pouco interessado pelo contexto social no qual vive. Já nos anos 1990, Abramo (1997) nos diz que não é mais essa despreocupação e individualização que caracteriza o jovem e, sim, sua presença em diferentes contextos juvenis, relacionando-os com o individualismo, a fragmentação e as gangues. A preocupação com o jovem, nesse período, como bem frisou Abramo, visava ao controle e à ordem para manter a coesão moral e a integridade da juventude, pensando nela como o futuro da sociedade. Pode-se dizer que essa é uma preocupação tipicamente moderna, voltada para o futuro.

Atualmente, como mostrei, por meio de Bauman o tempo é projetado para o presente, pela fluidez e para a diversidade. Muito se diz que hoje os jovens vivem de forma individual, à base do consumo, criando relações superficiais e fluidas com os outros. Não se prendem a um determinado espaço e não se preocupam muito com o



tempo futuro. Quanto mais rápidos esses jovens se movem, mais poder eles adquirem. O conhecimento pode ser um exemplo de poder, e sabemos que o conhecimento não é regalia exclusiva da escola. Esse indivíduo contemporâneo, sozinho, em frente ao seu computador ou ao celular, pode rapidamente se mover e se apropriar de conhecimentos que as gerações jovens anteriores não tiveram. Por meio desse pensamento, o jovem de hoje busca “ser jovem” e viver como tal, menos no grupo, no comunitário e mais no consumo e na responsabilidade individual. Pensando, em primeira instância, na socialidade, vimos que ela, para Bauman, é baseada na efemeridade e no presente. Um tipo de erupção que surge rapidamente e se apaga da mesma forma, sem deixar vestígios. Implicação importante para pensar a juventude nesse cenário talvez seja o fato de a socialidade apresentar um desinteresse e uma não finalidade na modernidade líquida. Nessa ótica, então, os jovens podem viver pautados numa valorização exacerbada do presente, sem se preocupar muito com qualquer tipo de finalidade política, social ou moral que suas reuniões e/ou ações podem desembocar.

Esse diagnóstico é alimentado pela leitura de Bauman. Ele se mostra pessimista quando se depara com as relações sociais da juventude (e não só dela). O abandono ou a diminuição da importância dos aspectos morais, políticos e sociais gera, para ele, indivíduos inseguros e ainda mais sedentos pelo consumo. Podemos dizer, na esteira de Bauman, que há uma tendência de que as relações juvenis passem – na modernidade líquida – a se caracterizar como tendo um alto índice de insegurança e ansiedade, surgindo, por consequência, falta de confiança perante o outro e individualismo, ou seja, o jovem passa a se preocupar mais com o “eu” do que com o “nós”, já que as relações de socialidade são sempre frágeis e efêmeras. Não revelar quem o jovem “realmente é” (a sua face) pode afetar moralmente esse indivíduo, pois, se pensarmos na esteira de Bauman, o jovem que vive trocando suas roupagens (máscaras), de acordo com os grupos específicos, teria dificuldade para decidir sobre suas ações de escolha e julgamento, sobretudo a respeito das decisões entre certo e errado, bom ou ruim.

O predomínio da utilização das máscaras possui ligação com a questão de identidade e pode ser relacionada com a juventude contemporânea. Apesar de



Bauman tecer críticas à identidade na sociedade contemporânea, ele reconhece que ela é pensada menos de forma única, estável e segura e mais como algo fluido, plural e consumista. O jovem, então, se quiser experimentar as diferentes identidades que estão a sua disposição, precisa se disponibilizar a vestir as diferentes máscaras para cada momento específico. Ponto crítico dessa relação surge quando o sociólogo polonês coloca em cena a questão da segurança, característica típica da sociedade fluida e efêmera. Nessa esteira, um jovem que vive na socialidade presenteísta, vestindo suas mais diversas máscaras e lançando mão das suas diferentes identidades, pode criar um sentimento de instabilidade e insegurança. O sociólogo José Machado Pais parece se aproximar de Bauman em alguns momentos, quando pensa a juventude no contemporâneo a partir desse sentimento de instabilidade e insegurança. Pais (2009) trabalha com a ideia de “ritos de impasse” para caracterizar a juventude na sociedade atual:

É neste contexto que se abre uma pista de reflexão – a desenvolver em futuras pesquisas – para o entendimento de alguns comportamentos juvenis da contemporaneidade que talvez possam ser discutidos a partir de um novo conceito, o de ritos de impasse. Os ritos de impasse aparecem associados a situações de anomia, quando necessidades essenciais de segurança e auto-estima não se satisfazem ou quando sentimentos de pertença identitária se fragilizam (PAIS, 2009, p. 380).

Esse autor se aproxima de Bauman ao enxergar a juventude atual sob a condição de “yoyogenização”. Para Pais (2009), temos assistido a uma intensa reversibilidade no que tange às trajetórias da juventude para a vida adulta. A entrada no mercado de trabalho, o matrimônio, a saída da escola e da família eram aspectos que balizavam, de forma linear, a passagem para o universo adulto. Hoje, na sociedade fluida e frenética, as certezas de linearidade se desmancham e o adulto empregado, casado, com sua casa própria, vê-se, em muitas ocasiões, afetado pelo desemprego, tendo que retornar aos bancos escolares e, muitas vezes, precisando de ajuda da família de origem. Podemos pensar a juventude hoje, por exemplo, com referência às relações amorosas (ficar, namorar e casar). A onda do “ficar” que “afeta” a juventude atual, na qual, em uma única festa (ou em questão de dias e semanas), o



indivíduo troca de parceira várias vezes, dá a possibilidade de esse jovem conhecer e usufruir dessas diferentes máscaras (e por que não identidades?). No entanto, essa fluidez, no diagnóstico de Bauman, acarreta, em muitos momentos, insegurança e ambivalência existencial.

É aqui que aparece, também, o termo ambivalência para Bauman, pois, ao passo que o jovem procura a segurança, a estabilidade, ou, como no exemplo acima, uma parceira fixa ou até mesmo um casamento, ele sabe que está deixando para trás outras inúmeras possibilidades de conhecer e se relacionar com outros parceiros diferentes. Assim, mesmo numa posição contrária, Bauman parece reconhecer que a identidade ganha notoriedade quando pensada de forma presenteísta, sobretudo para sanar os anseios e desejos, principalmente, de consumos momentâneos. Bauman reserva alguns de seus escritos para refletir diretamente sobre a juventude. Para ele, há uma longa história de incompreensão recíproca entre as gerações dos adultos (os pais) e a dos jovens (os filhos), gerando assim, uma desconfiança mútua. Bauman, diz que,

Hoje, não se espera nem se pressupõe que os jovens 'estão em vias de se tornar adultos como nós'; a tendência é vê-los como um tipo diferente, que permanecerá diferente 'de nós' por toda a vida. As discrepâncias entre 'nós' (os mais velhos) e 'eles' (os mais novos) não nos parecem mais corresponder a uma fase passageira e irritante, que tenderá fatalmente a se dissipar e a desaparecer à medida que eles amadureçam para as realidades da vida. Os jovens sem dúvida vão permanecer; eles são irrevogáveis (BAUMAN, 2010, p. 20).

A consequência disso, para o autor, é o surgimento de um conflito entre as gerações, quando os mais velhos (adultos, pais) se sentem ameaçados e inseguros com a possibilidade de os mais novos (jovens, filhos) destruírem a "normalidade" que os primeiros levaram demasiado tempo para construir. Os mais novos sentem necessidade de corrigir o que foi estragado pelas gerações anteriores. Ou seja, dependendo do ponto de vista, a culpa é inclinada para uma dessas "categorias". Posicionando-se a respeito da juventude atual, ele afirma:



Convém não esquecer ainda que, grande parte da geração jovem hoje jamais passou por dificuldades de vida efetivas, como uma longa depressão econômica e o desemprego em massa. Essa juventude nasceu e cresceu num mundo no qual podia obter apoio de serviços comunitários socialmente produzidos, um guarda-chuva a prova de água e de vento que lhes parecia sempre ao alcance da mão, para protegê-los contra as inclemências do tempo, o frio das chuvas e os ventos gelados; um mundo em que cada nova manhã parecia prometer um dia mais ensolarado que o anterior e mais regado de agradáveis aventuras (BAUMAN, 2010, p. 21).

Também para a juventude hoje não há mais a perspectiva do Estado protetor, onipresente. Nessa mesma esteira, percorrem as grandes instituições do século XIX. Instituições que outrora foram fundamentais para entender a juventude parecem estar em crise. Esse indivíduo contemporâneo, sozinho, em frente ao seu computador ou ao celular, pode rapidamente se mover e se apropriar de conhecimentos aos quais as gerações jovens anteriores não tiveram a oportunidade (e se tiveram, o processo se deu muito mais lentamente). Bauman (2010) chama de geração Y aqueles que, hoje, possuem entre 11 e 28 anos. Essa geração, para ele, nasceu e vive num mundo totalmente diferente daquele vivido por gerações anteriores, Bauman (2010, p. 60) acredita que: “[...] um mundo de emprego abundante, oportunidades aparentemente infinitas de prazer, cada um mais atraente que o outro e capaz de multiplicar esses prazeres cada vez mais sedutores [...]”. Prosseguindo com suas reflexões, ele se mostra preocupado com os rumos que a política e a economia têm tomado no contemporâneo, podendo diretamente afetar a visão otimista, confiante e, por que não, consumidora da juventude.

Sobre a relação dos jovens de hoje (geração y) e o trabalho, Bauman diz que este último quase nunca aparece nos projetos de vida que os jovens cultivam em empenhar e realizar. Ele ressalta (2010, p. 61): “A última coisa de que gostariam é de um emprego com estabilidade eterna”. No entanto, o próprio autor nos lembra que o cenário acima apresentado está com seus dias contados, tendo em vista a iminente crise econômica que assola os países da Europa. Exemplo disso é a atual Espanha, onde jovens estão se retirando do mercado de trabalho e voltando para os bancos escolares, a fim de não sofrer com a sombra do desemprego. Então, se nos propusermos a realizar uma leitura da juventude sob a ótica das reflexões de



Bauman, duas características principais (além daquelas que já elenquei) de sua obra devem ser consideradas, quais sejam: a do consumo e a da ambivalência. Ou seja, o indivíduo (e o jovem) passa a ser reconhecido socialmente não mais por aquilo que é ou que produziu, mas, sim, pelo que ele consome ou é capaz de consumir. A possibilidade, que, por exemplo, o indivíduo jovem tem de consumir o maior número de produtos em um curto espaço de tempo. Ou, então, de escolher um, entre inúmeros produtos para ser utilizado em uma determinada situação. Em relação ao consumo, Bauman (2010) faz uma análise interessante ao discutir pesquisa sobre o gasto que jovens de classe média possuem. Ele demonstra que os gastos para manter uma vida dentro dos padrões de aceitação na “galera” são altos e incluem no orçamento, além de questões básicas, como escola, saúde, moradia e alimentação, os telefones celulares, internet, roupas, tênis e lazer. Vale lembrar que esses aparelhos precisam ser sempre os mais atualizados e completos. Somando os gastos, o autor diz que, na Grã-Bretanha (de acordo com pesquisa), o custo de vida de um jovem sai aproximadamente a 23.500 reais por ano. Bauman (2010, p. 55) relata:

Na torrente de bens que se adquirem depressa, se abandonam e jogam fora mais rápido ainda, dificilmente alguma coisa sobressai como ‘um bem caro ao coração’ – e se faz, não é por muito tempo. Importante é sempre guardar o estilo, não a parafernália de acessórios que o compõem; e esse estilo exige que os acessórios se sucedam uns aos outros em velocidade cada vez mais acelerada.

São esses impulsos, quase sempre subsidiados pelo consumo, pela oferta de diferentes identidades, máscaras e das relações de socialidade fluidas e presenteistas, que desembocam na questão da ambivalência. Essa diz respeito à prevalência intensa de juízos contraditórios sobre uma mesma questão, que pode ser associada ao consumo e à relação com o “Outro”.

(IN) CONCLUSÕES

Pensar a juventude contemporânea com as lentes de Bauman é aceitar que ela é totalmente estimulada por impulsos ambivalentes e consumistas. Aqui, o autor dá margem para levantarmos uma crítica sobre seus escritos em relação a esses



indivíduos. Vale perguntar a qual jovem o autor está se referindo. Não podemos esquecer que muitos jovens hoje não possuem condições de serem consumidores e são considerados como os refugos e excluídos na sociedade moderno líquida. Como compreender e se relacionar com aquela parcela da juventude que não se enquadra no padrão consumidor e vive às margens das relações sociais e culturais? Essa juventude, segundo o próprio autor, é considerada como consumidora falha. Bauman denomina de “pessoas especiais” os jovens que remam na contramão do consumo, não se rendendo aos inúmeros apelos do mercado. Remar na contramão do consumo, no entanto, não significa que os jovens tem se assemelhado e entendido as gerações anteriores, bastar entendermos que o consumo atinge todas as categorias sociais, desde a tenra infância ate a melhor idade. O que parece é que a juventude do século XXI rompe totalmente com as gerações anteriores, não por opção, mas sim porque a sociedade atual se configura de tal maneira que se torna impossível, na sociedade do presente, resgatar o passado de quando seus pais foram jovens ou assegurar o futuro de quando os jovens serão velhos. Os jovens não sabem onde suas ações podem levá-los, e parecem não estar muito preocupados com isso. A confusão de mudar de opinião a todo instante, de pertencer a vários grupos, com varias identidades, parece agradar os jovens e será que agrada só a eles?

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil.** In: PERALVA, Angelina Teixeira; SPÓSITO, Marília Pontes (Org.). **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6, p. 25-36, maio - dez. 1997.

ALMEIDA, F. Q; GOMES, I. M; BRACHT, V. **Bauman e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Ética da pós-modernidade.** São Paulo: Paulus, 1993.

_____. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **44 cartas do mundo líquido moderno.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.



FEIXA, C. **De jóvenes, bandas y tribus**. Barcelona(Espanha): Editora Ariel,1998.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

_____. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. **Última Década**, n.33, p.11-26, Dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/udecada/v18n33/art02.pdf>.> Acesso em: 5 jun. 2012.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

_____. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009.

VELHO, G. **Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade**. In: ALMEIDA, M.J.M. de; EUGENIO, F. (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 1-236.